

FILOSOFIA E POESIA



Filosofia e Poesia

MARÍA ZAMBRANO

*Tradução de
Fernando Miranda*



MOINHOS



À guisa de prólogo

Este livro – permitam-me dizer – nasceu, mais que construído, veio em um momento de extrema – não me atrevo a dizer – impossibilidade, o que não me parece tão excepcional, já que não se passa do possível ao real, mas, sim, do impossível ao verdadeiro. Por isso digo nasceu, que é o que para um ser vivente é o mais impossível, incluindo o animal, a planta, talvez a própria pedra, o que forma a órbita do verdadeiro universo e, assim, para não desanimar ao sempre inverossímil leitor, contarei um pouco como nasceu na cidade de Morelia, capital do estado de Michoacán, no México, em um outono de indescritível beleza.

Quem escreve estas linhas tinha ido, também de um modo inverossímil, para o México. E também inverossimilmente, esta atual edição preparei para uma coleção mexicana. Por que e como escreve este livro? No quente outono de 1939? Lá pelo fim da guerra da Espanha, fui convidada para ir a Cuba e até insistentemente solicitada como professora de espanhol por alguma universidade norte-americana. Eu tinha ido, no início da guerra da Espanha, quando me casei, em setembro de 1936. Após uma longa e complicada travessia em um barco espanhol que partiu de Cartagena, ou seja, que tinha de atravessar o estreito de Gibraltar e entrar nas águas da Espanha imperial, chegamos a Havana, nessa embarcação que, como saberíamos depois, ia a Veracruz. Mas assim que chegamos a Havana, sob o poder do general Fulgencio Batista, o barco foi detido, sua tripulação encarcerada, e nós escapamos apenas por causa de um passaporte diplomático.

Imagino já ter contado que justamente em um lugar chamado La Bodeguita de Enmedio, alguns intelectuais de esquerda, entre eles o muito jovem José Lezama Lima, que me surpreendeu pelo seu silêncio e por se referir ao pouco que eu tinha publicado na *Revista Occidente*, nos ofereceram um jantar. E ainda ter visto o meu nome entre os professores – eu era apenas assistente – que fomos dar aula de filosofia nesse lugar ilustre. Também fui convidada a dar uma palestra no Lyceum Club Femenino, graças ao embaixador da Espanha que ainda estava lá. Nunca esquecerei, e cabe dizer que durante muitos anos também não foi esquecida, aquela minha palestra sobre meu mestre Ortega y Gasset. Mas o destino da viagem era o Chile, Valparaíso, e assim, através de um longo e penoso périplo, cruzamos de barco o canal do Panamá. Ali a paisagem de *Pablo y Virginia* apareceu por inteiro diante de mim. E a chegada do outro lado do oceano, em Balboa, quando o sol se punha. Fomos por cidades cujos nomes me pareciam irrealis, e embora eu soubesse que em Antofagasta, onde desde o Norte tinha que levar a terra, pois ali era completamente estéril, se falasse espanhol, fiquei maravilhada diante desse fato, como se não o soubesse. E por fim, para não me deter mais nessa inesquecível e decisiva viagem, chegamos a Valparaíso. E dali, através de um campo de cactos-candelabro, a Santiago do Chile. No exato momento em que subíamos as escadas do edifício da Embaixada, descia o embaixador, quem nos disse “não desfaçam as malas, porque o presidente da República acaba de me telefonar para romper relações com a Espanha”. Não foi assim, mais uma vez, mas a ameaça estava de pé.

E o que tudo isso tem a ver com o livro *Filosofia e poesia*? É que se trata da sua gênese, do seu nascimento. Meses depois, quando meu companheiro foi chamado ao recrutamento, decidimos voltar para a Espanha, no momento em

que era mais evidente do que nunca a derrota da causa em que acreditávamos. E por que vocês retornam para a Espanha se sabiam muito bem que a causa estava perdida? Pois justamente por isso.

E assim, me aproximo a este livro *Filosofia e poesia*, que foi escrito quando, depois da derrota, fomos para o México. E tem uma ligação íntima, porque escrevi meu livro naquele outono mexicano como homenagem à Universidad de San Nicolás de Hidalgo, descendente direto dos estudos de humanidades, fundada por don Vasco de Quiroga, não distante das margens do lago Pátzcuaro, que foi da Espanha até ali, a região dos índios tarascos, para fundar a Utopia da República Cristã de Thomas More. Para mim, é utópico escrever este pequeno livro, pois sendo irrenunciável na minha vida a vocação filosófica, era perfeitamente utópico que eu escrevesse, e mesmo explicasse, como fiz, filosofia, na Universidad de San Nicolás de Hidalgo.

Entendo por Utopia a beleza irrenunciável, e mesmo a espada do destino de um anjo que nos conduz até aquilo que sabemos impossível, como o autor dessas linhas sempre soube que a Filosofia, ela, e não por ser mulher, nunca poderia fazer. E a coincidência se revela até nas palavras, pois na minha adolescência me perguntavam, às vezes com compaixão, às vezes com uma ironia um tanto cruel, por que vai estudar filosofia? Porque não posso deixar de fazê-lo, e neste livro escrevi, naquele precioso outono de 1939, o quão utópico me parecia, no mais alto grau, poder escrevê-lo. E as utopias, quando são de nascimento, não podem ser discutidas, mesmo que se rebelem contra elas. A ocasião foi que no ano de 1940, se consideravam três universidades fundadas pelos “bárbaros espanhóis”, San Marcos de Lima, San Marcos de Guatemala e a Universidad que devia a sua existência aos estudos de humanidades fundada por don Vasco de Quiroga.

De alguma maneira tinha de agradecê-lo, e aceitar a tarefa, ainda que de vez em quando me rebelasse contra este império de escrever o livro, não exigido academicamente, mas sim pessoalmente pelo meu então companheiro, que sem recursos foi imprimindo em uma gráfica em que só conseguia algumas folhas. Tremia, como tinha tremido ao ter que explicar na cidade do México, como membro da Cada de España, as três conferências que formavam o volume *Pensamiento y poesia en la vida española*. Mas, precisamente quando era o momento de dar por terminado o curso da universidade, me pedia, por um mandato invisível que se encarnava nesse meu então companheiro, este livro que ofereço ao leitor, depois de ter sido publicado na própria Morelia, com alguns capítulos que compõem o livro já corrigidos a mão, nos exemplares que me foram dados como presente pela universidade.

O primeiro capítulo deste livro foi publicado com mais certeza na revista *Taller*, fundada e dirigida pelo meu amigo e admirado Octavio Paz. Mas, no momento de prosseguir, já se tratava de um livro, já se tratava daquele anjo invisível e implacável que exige. Já não servia a obrigação, já era apenas questão de vocação, de utópica vocação.

Este livrinho teve uma segunda edição publicada nas *Obras reunidas* da Editorial Aguilar, que não corresponde à presente edição.

Mas agora renasce em mim o tremor do nascimento, com se o estivesse escrevendo agora, e apenas me atrevo a fazer por acreditar que o nascido deve ser acolhido, respeitado. Quem pode julgar uma coisa assim? Não quero fugir da minha responsabilidade. Se deve a uma condescendência, não à busca de uma altura. Se sabe que o mais difícil não é ascender, mas descender. Mas descobri que a condescendência é o que outorga legitimidade, mais do que a busca das alturas. A virtude da Virgem Maria foi não o elevar-se, mas o

condescender; isso sim, não sozinha. Não pretendo que se cumpra em mim nem neste livro a virtude virginal. Não poderia ser. Mas vejo com clareza que vale mais condescender diante da impossibilidade do que andar, errante, perdido, nos infernos da luz. Julgue-me, pois, o eventual leitor, desde esse ângulo; que preferi a escuridão que em um tempo já passado descobri como penumbra salvadora a andar errante, perdida, nos infernos da luz. É minha justificativa. Julgue-me, pois, o amor, e se não sou digna de tanto, julgue-me, pois, a compaixão. E não digo mais, acredito que já é o bastante para o inverossímil, porém não impossível, leitor.

María Zambrano
Madrid, 15 de fevereiro de 1987



Pensamento e poesia

Apesar de que em alguns mortais afortunados, poesia e pensamento tenham podido aparecer ao mesmo tempo e paralelamente, apesar de que em outros ainda mais afortunados, poesia e pensamento tenham podido ocorrer em uma única forma expressiva, a verdade é que ao longo da nossa cultura, pensamento e poesia se enfrentam com toda gravidade. Cada um deles quer eternamente para si acolher a alma. E seu duplo puxão pode ser a causa de algumas vocações malsucedidas e de muita angústia sem fim, inundadas de esterilidade.

Porém, há outro motivo mais decisivo que não podemos abandonar e é que hoje poesia e pensamento nos aparecem como duas formas insuficientes; e nos surgem duas metades do homem: o filósofo e o poeta. Não se encontra o homem completo na filosofia; não se encontra a totalidade do humano na poesia. Na poesia encontramos diretamente o homem concreto, individual. Na filosofia, o homem em sua história universal, em seu querer ser. A poesia é encontro, dom, achado pela graça. A filosofia busca, é requerimento guiado por um método.

É em Platão onde encontramos a luta com todo o seu vigor entre as duas formas da palavra, com a resolução triunfal para o logos do pensamento filosófico, decidindo o que poderíamos chamar “a condenação da poesia”; inaugurando o mundo do Ocidente, a vida penosa e à margem da lei, da poesia, seu caminhar por estreitas sendas, seu andar errante e por vezes extraviado, sua loucura crescente, sua maldição. Desde que

o pensamento consumou sua “tomada de poder”, a poesia foi viver nos subúrbios, arisca e desterrada, dizendo aos gritos todas as verdades inconvenientes; terrivelmente indiscreta e rebelde. Porque os filósofos ainda não governaram nenhuma república, e a razão estabelecida por eles exerceu um império decisivo no conhecimento, e aquilo que não era radicalmente racional, com curiosas alternativas, ou sofreu sua fascinação ou se alçou em rebeldia.

Não tratamos de fazer aqui a história dessas alternativas, ainda que já seria de grande necessidade, principalmente estudando suas íntimas conexões com o resto dos fenômenos que imprimem caráter a uma época. Antes de tal empresa, vale mais esclarecer o fundo do dramático conflito que motiva tais mudanças; vale mais olhar a luta que existe entre filosofia e poesia e definir um pouco os termos do conflito em que um ser necessitado de ambas se debate. Vale, sim, a pena manifestar a razão da dupla necessidade irrenunciável de poesia e de pensamento e o horizonte que se vislumbra como saída do conflito. Horizonte que ao não ser uma alucinação nascida de uma singular avidez, de um obstinado amor que sonha uma reconciliação para além da disparidade atual, seria simplesmente a entrada em um mundo novo de vida e conhecimento.

“No princípio era o verbo”; o logos, a palavra criadora e ordenadora, que põe em movimento e legisla. Com estas palavras, a mais pura razão cristã se encadeia com a razão filosófica grega. A vinda à terra de uma criatura que carregava em sua natureza uma contradição extrema, impensável, de ser ao mesmo tempo divino e humano, não deteve com seu divino absurdo o caminho do logos platônico-aristotélico, não rompeu com a força da razão, com sua primazia. Apesar da “loucura da sabedoria” flagelante de São Paulo, a razão como última raiz do universo continuava de pé. No entanto,

uma coisa nova tinha advindo: a razão, o logos era criador, diante do abismo do nada; era a palavra de quem, falando, tudo podia. E o logos ficava situado para além do homem e para além da natureza, para além do ser e do nada. Era o princípio para além de todo o principiado.

Qual raiz pensamento e poesia têm em nós? Por agora, não queremos defini-las, mas achar a necessidade, a extrema necessidade que as duas formas da palavra preenchem. A que amor necessitado elas vêm a satisfazer? E qual das duas necessidades é a mais profunda, a nascida em zonas mais fundas da vida humana? Qual a mais imprescindível?

Se o pensamento nasceu da admiração apenas, segundo nos dizem textos veneráveis¹, não se explica com facilidade que fosse tão rapidamente se plasmar na forma de filosofia sistemática; nem que tenha sido uma de suas melhores virtudes a da abstração, essa idealidade conseguida no olhar, realmente, porém um gênero de olhar que deixou de ver as coisas. Porque a admiração que nos produz a generosa existência da vida a nossa volta não permite um desprendimento tão rápido das múltiplas maravilhas que a suscitam. E assim como a vida, esta admiração é infinita, insaciável e não quer decretar sua própria morte.

Porém, encontramos em outro texto venerável – mais venerável pela sua tripla auréola de filosofia, poesia e... “Revelação” –, outra raiz de onde a filosofia nasce: se trata da passagem do livro VII da *República*, em que Platão apresenta o “mito da caverna”: a força que origina a filosofia ali é a violência. E agora, sim, admiração e violência juntas como forças contrárias que não se destroem, nos explicam esse primeiro momento filosófico em que já encontramos uma dualidade e, talvez, o conflito originário da filosofia: o ser primeiramente

¹ Aristóteles, *Metafísica*, L. I, 982b.

pasmo, extático diante das coisas, e o violentar-se em seguida para se livrar delas. Diria-se que o pensamento não toma a coisa que tem diante de si senão como pretexto, e que seu primitivo pasmo se vê em seguida negado e talvez traído por essa pressa de se lançar a outras regiões que lhe fazem romper seu êxtase nascente. A filosofia é um êxtase fracassado por uma distensão. Que força é essa que causa a distensão? Por que a violência, a pressa, o ímpeto de desprendimento?

E assim já vemos mais claramente a condição da filosofia: admiração, sim, pasmo diante do imediato, para arrancar-se violentamente dele e se lançar a outra coisa, a uma coisa que se deve procurar e perseguir, que não nos é dada, que não entrega sua presença. E aqui já começa o penoso caminho, o esforço metódico por essa captura de alguma coisa que não temos e necessitamos ter, com tanto rigor, que nos faz nos arrancarmos daquilo que já temos sem o ter perseguido.

Sem indicar por enquanto qual a origem e significação da violência, fica suficiente afirmar que para que certos seres daqueles que ficaram presos na admiração originária, no primitivo *zaumasein*, não se resignem diante do novo giro, não aceitem o caminho da violência. Alguns dos que sentiram sua vida suspensa, sua vista enredada na folha ou na água, não puderam passar ao segundo momento em que a violência interior faz fechar os olhos à procura de outra folha e de outra água mais verdadeira. Não, nem todos foram pelo caminho da verdade trabalhosa e ficaram atados ao presente e ao imediato, ao que entrega sua presença e doa sua figura, ao que treme de tão próximo; eles não sentiram violência alguma ou talvez não sentiram essa forma de violência, não se lançaram à procura do ideal, nem se dispuseram a subir com esforço o caminho que vai do simples encontro com o imediato até aquilo permanente, idêntico, Ideia. Fieis às coisas, fieis à sua primeira admiração extática, nunca se dedicaram

a se desgarrar delas; não puderam, porque a própria coisa já tinha se fixado neles, estava no seu interior. O que o filósofo perseguia, o poeta, de alguma maneira, já o tinha dentro de si; de alguma maneira, sim, de qual diferente maneira.

Qual era essa diferente maneira de já ter a coisa, que fazia justamente que não pudesse nascer a violência filosófica? E o que produzia, pelo contrário, um gênero especial de desassossego e uma plenitude inquietante, quase terrível? Qual era este possuir doce e inquieto que acalma e não basta? Sabemos que se chamou poesia – e talvez algum outro nome apagado? E desde então, o mundo se divide em dois caminhos. O caminho da filosofia, em que o filósofo impulsionado pelo violento amor ao que buscava abandonou a superfície do mundo, a generosa urgência da vida, baseando em uma primeira renúncia para a posterior posse total. O ascetismo tinha sido descoberto como instrumento desse gênero de ambicioso saber. A vida, as coisas, tudo seria exprimido de uma maneira implacável, quase cruel. O pasmo primeiro será transformado em interrogação persistente; a inquisição do intelecto começou seu próprio martírio e também o da vida.

O outro caminho é o do poeta. O poeta não renunciava nem simplesmente procurava, porque já tinha. Tinha aquilo diante de si, diante dos seus ouvidos, olhos e tato, aquilo que aparecia; tinha o que olhava e escutava, o que tocava, mas também o que aparecia nos seus sonhos, e seus próprios fantasmas interiores misturados de tal forma com os outros, com os que vagavam lá fora, que juntos formavam um mundo aberto onde tudo era possível. Os limites se alteravam de tal modo que por fim não existiam. Os limites do que o filósofo descobre, por sua parte, vão se delimitando e diferenciando de tal maneira que já se formou um mundo com sua ordem e perspectiva, onde já existe o princípio e o “princiado”; a forma e o que está sob ela.

O caminho da filosofia é o mais claro, o mais seguro; a filosofia venceu no conhecimento, pois conquistou algo firme, algo tão verdadeiro, compacto e independente que é absoluto, que não se apoia em nada e é apoio para tudo. A aspereza do caminho e a renúncia ascética foi plenamente compensada.

Em Platão, o pensamento, a violência pela verdade, enfrentou uma batalha tão tremenda como a poesia; se se sente seu estrondo em inúmeras passagens de seus diálogos, diálogos dramáticos em que as ideias lutam, e sob elas há lutas ainda maiores. A maior delas, talvez, é a de se ter decidido pela filosofia quem parece ter nascido para a poesia. E tanto é assim que em cada diálogo resvala nela, comprovando sua razão, sua justiça, sua fortaleza. Mas também é ostensivo que, nas passagens mais decisivas, quando já parece esgotado o caminho da dialética e como um mais além das razões, irrompe o mito poético. É assim na *República*, em *O banquete*, no *Fédon*...de tal maneira que ao terminar a leitura desse último, o mais impressionante e dramático de todos, nos fica a dúvida sobre a íntima verdade de Sócrates. E a ideia do mestre de rua, sua vocação de pensador andarilho, vacila. Qual era o seu íntimo saber, qual a fonte da sua sabedoria, qual a força que manteve tão bela e clara sua vida? Quem diz que a “filosofia é uma preparação para a morte” abandona a filosofia ao chegar nos seus umbrais e, já em vias de atravessá-los, faz poesia e zombaria. É que a verdade era outra? Já tocava alguma verdade para além da filosofia, uma verdade que somente podia ser revelada pela beleza poética; uma verdade que não pode ser demonstrada, mas sim sugerida por esse *mais* que expande o mistério da beleza sobre as razões? Ou é que as verdades últimas da vida, as da morte e do amor, são, embora perseguidas, achadas por doação, por achado venturoso, pelo que depois se chamaria “graça” e que em grego já tinha seu bonito nome *jaries, carites*?